

# O MUNDO DA RUA EDUCA: PROCESSOS EDUCATIVOS DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO CARLOS-SP

Sara Ferreira de Almeida\*

Maria Waldenez Oliveira\*\*

## RESUMO

O artigo traz resultados de pesquisa acerca dos processos educativos vivenciados por pessoas adultas que vivem na rua na cidade de São Carlos-SP. O desvelamento dos saberes dessa população foi feito a partir de metodologia, cujo aporte freireano e dusseliano privilegiou a participação dos sujeitos. Foram realizadas rodas de conversa, entrevistas para levantamento de temas geradores e da análise dos dados emergiram categorias que possibilitaram compreensão mais detida sobre a realidade investigada, a saber: 1) “As pessoas que estão na rua não são os lixos que a sociedade joga fora”; 2) “Viver é saber viver. Morar é lavar, passar, cozinhar”; 3) “Viver na rua é muito difícil, mas é alegre também, sabia?”; 4) “A rua é um mundo”; 5) “Na rua eu aprendi muito, experiências que eu jamais vou esquecer”. Foi possível apreender processos educativos consolidados na rua, como a busca por sobrevivência material e simbólica, proteção do grupo e resistência dentro da lógica que oprime aqueles e aquelas que vivem as complexas dimensões da vida humana nessas condições. Espera-se contribuir com a problematização de visões distorcidas de que na rua nada se ensina e pouco se aprende, além de colaborar no debate acerca das pedagogias dos grupos populares.

**Palavras-chave:** Processos educativos. Educação popular. População de rua.

## ABSTRACT

### WHAT THE WORLD OF THE STREET TEACHES: EDUCATIONAL PROCESSES OF THE STREET POPULATION IN THE CITY OF SÃO CARLOS/SP

This paper presents the results of research concerning educational processes experienced by adults living on the streets of São Carlos, a city in the state of São Paulo. This population's acquired knowledge was discovered using a methodology based on the theories of Freire and Dussel, which emphasize the participation of subjects. Key themes were discovered via conversations and interviews. From

---

\* Especialista e Mestre em educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFSCar. Educadora popular com experiência nos seguintes temas: educação popular, população de rua, economia solidária, incubação de cooperativas e empreendimentos populares, educação ambiental, ações socioeducativas com adolescentes. Endereço: Avenida Otto Werner Rosel, 777, casa 147, Jardim Ipanema. CEP: 13.563-673. São Carlos-SP. sarafalmeida@gmail.com

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora titular em Educação Popular e Saúde e Processos Educativos em Práticas Sociais. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Trabalho de Educação Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Endereço institucional: UFSCar/DME. Rodovia Washington Luis, km 235. CEP: 13565-905. São Carlos – SP. dmwo@ufscar.br

analyzing the acquired data categories emerged that enabled a wider understanding of the reality being investigated, namely: 1) “The people who are on the street are not garbage that society throws out”; 2) “Living is about learning how to live; inhabiting is about washing, ironing, cooking”; 3) “Living on the street is very difficult, but it is a happy experience too, you know?”; 4) “The street is a world”; 5) “On the streets I learned a lot, experiences that I will never forget.” It was possible to become aware of educational processes that were consolidated in the streets, such as the search for symbolic and material survival strategies, group protection, and resistance against the logic that oppresses the men and women who experience the complex dimensions of human life in this condition. The aim is to question society’s distorted views of the street as a place where nothing is taught and little is learned, as well as contributing to the debate concerning the pedagogies of low-income groups.

**Keywords:** Educational Processes, Popular Education, Homeless Population.

## RESUMEN

### EL MUNDO DE LA CALLE EDUCA: PROCESOS EDUCATIVOS DE LA POBLACIÓN DE CALLE EN LA CIUDAD DE SÃO CARLOS/SP

Este trabajo presenta los resultados de la investigación sobre los procesos educativos realizados por los adultos que viven en las calles de la ciudad de São Carlos/SP. La develación del conocimiento de esta población se hizo con la metodología, donde el aporte dusseliano y freireano favorecieron la participación de los sujetos. Se realizaron ruedas de conversación y entrevistas para seleccionar temas generadores y de análisis, de los datos que permitieran una comprensión más detallada de la realidad investigada y la selección de cinco categorías, a saber: 1) “Las personas que están en la calle, no son los residuos que la sociedad desecha”; 2) “Vivir es saber vivir. Vivir es lavar, planchar, cocinar”; 3) “Vivir en la calle es muy difícil, pero también es alegre, ¿sabes? “; 4) “La calle es un mundo”; 5) “En la calle aprendí mucho, experiencias que nunca olvidaré”. Fue posible comprender los procesos educativos consolidados en la calle, como la búsqueda de la supervivencia material y simbólica, la protección del grupo y la resistencia dentro de la lógica que oprime a los hombres y mujeres que viven las complejas dimensiones de la vida humana en esta condición. Se espera contribuir con la problematización de las visiones distorsionada, que enseñan que en la calle poco se aprende, además de colaborar en el debate acerca de la pedagogía de los grupos populares.

**Palabras clave:** Procesos Educativos, Educación Popular, Población de Calle.

## Introdução

O presente artigo, que traz resultados da pesquisa intitulada “A prática social – viver no mundo da rua – e seus processos educativos”,<sup>1</sup> parte da concepção defendida por Dussel (2007) de que a vida humana não é um conceito ou uma ideia, nem um horizonte puramente abstrato, mas é o modo de

realidade de cada ser humano concreto e também condição absoluta de uma ética que a afirma como o bem supremo, contrapondo-se a uma ética que a coloca abaixo dos valores gerados pelo capital e que presume a produção da vida na expectativa da morte.

Estima-se que no município de São Carlos há de 100 a 200 pessoas adultas vivendo nas ruas, criando estratégias de trabalho e moradia, vivenciando,

1 Agência financiadora: CAPES.

assim, situações-limites<sup>2</sup> que dizem respeito à negação à vida, especialmente “[...] en el proceso de globalización moderna del capitalismo expresada en la miséria de los países periféricos, de um Brasil, México y hoy también Argentina” (DUSSEL, 2001, p. 7). As pessoas que se encontram na margem da sociedade capitalista, afirma Miranda (2014 apud ALMEIDA, 2014, p. 11),

[...] são fruto de toda injustiça cega de uma sociedade que não compartilha compaixão, paixão, solidariedade. De uma sociedade que vive dentro do seu quadrado e se ela sair ela morre. Para não sucumbir, ela é capaz de jogar pessoas – que se tornam um sistema que a sociedade não quer para ela – na rua que é o fim da linha, território bárbaro, o outro lado dos muros da civilização.

Diante desse contexto, remetemo-nos ao questionamento de Freire (2005) sobre como poderão os oprimidos participar da elaboração da pedagogia de sua libertação, na medida em que o conhecimento de si mesmos encontra-se prejudicado por estarem imersos numa realidade desumanizadora. O desafio poderia ser a superação de situações opressoras por meio do reconhecimento crítico que se dá através de ações transformadoras que possibilitem a busca do ser mais.<sup>3</sup> Nesse sentido, há possibilidades de enfrentamento dessa realidade de desigualdades, segregação e injustiça, a partir de práticas educativas libertadoras que também acontecem para além dos muros da escola, contribuindo para que nos tornemos seres com o outro e não seres para o outro, em que a preposição “para” denota relação de opressão e estranhamento (MARX, 2010).

Desejamos superar visões reduzidas advindas de um estilo de vida que é próprio da lógica hegemô-

nica capitalista para que, solidariamente, possamos desvelar possibilidades de transformação por meio da produção de conhecimentos que surgem da realidade concreta de pessoas que vivem na rua. Essas reflexões assumem postura crítica em relação aos discursos que buscam justificar, banalizar e/ou naturalizar o fato de existirem pessoas que experienciam suas vidas – em todas as suas dimensões – sem gozar de direitos básicos, como o do abrigo e do cuidado. Dessa maneira, corroboramos o relato do representante do Fórum de População de Rua do município de São Paulo quando expressou que “[...] a polícia pode bater, as pessoas podem matar que não são punidas. Essas coisas precisam mudar. É isso que a população de rua precisa. Ser tratada com seriedade, não como um problema, mas como cidadãos” (BRASIL, 2006, p. 22).

Nesse sentido, o presente artigo apresenta de modo mais detalhado as categorias desveladas por meio de levantamento de temas geradores de pessoas que vivem na rua na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, trazendo reflexões acerca da utilização de metodologias científicas que valorizem outras epistemologias, num movimento de ruptura com a ideologia de que conhecimentos são produzidos exclusivamente nos limites da universidade. Para tanto, foi necessário lançarmos mão de aportes da Educação Popular, especialmente de Paulo Freire, os quais sustentaram o diálogo e o convívio metodológicos.

## A população que vivifica a rua

Analisando-se as pesquisas sobre população de rua no Brasil, conseguimos identificar pelo menos duas tendências da produção acadêmica acerca dessa realidade. Uma que a define como corpo social que, sem trabalho e sem casa, utiliza a rua como espaço de moradia e sobrevivência, como expresso por Vieira, Bezerra e Rosa (1992). Outra, que lança novos olhares sobre esse grupo que deixa de ser composto por indivíduos incapazes de tomar suas vidas em suas próprias mãos, para sujeitos que, com diferentes trajetórias e motivações, são levados a vivenciar seus cotidianos fora de uma moradia convencional. Homens e mulheres capazes de desenvolver “práxis transformadora, constituindo movimentos de luta por seus direitos e reivindicar-

2 De acordo com Freire (2005), são situações existenciais que podem gerar opressão, tais como a pobreza, a marginalidade, a privação de direitos, a violência. Situações que submetem pessoas e grupos a condições degradantes, cuja superação eles e elas, por vezes, não conseguem vislumbrar.

3 A obra de Freire expressa que a busca pelo *ser mais* ou pela humanização como vocação ontológica do ser humano não deve recair sobre uma posição fundamentalista e consequentemente conservadora. Essas buscas dizem respeito a uma “vocação”, em lugar de ser algo *a priori* da história. É, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história. Afirma que “a briga por ela, os meios de levá-la a cabo, históricos também, além de variar de espaço-tempo a espaço-tempo, demandam, indiscutivelmente, a assunção de uma utopia” (FREIRE, 2011, p. 137) que, por sua vez, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização e se faltasse também a esperança sem a qual não é possível lutarmos.

ções históricas” (MATTOS; FERREIRA, 2004, p. 55). Ainda, capazes de se organizarem em torno de pequenos grupos onde desenvolvem posturas coletivas de proteção e sobrevivência de seus pares.

A rua, por sua vez, é vista de maneira dialética e multifacetada, constituindo-se como cotidianidade mundana ou mundo da vida, totalidade “dentro de la cual todo lo que nos acontece se nos avanza” (DUSSEL, 1995, p. 87). Ainda, coloca Dussel (1995), é exterioridade bárbara ou o âmbito que está na margem da totalidade vigente. Como exterioridade bárbara, está constituída por pessoas loucas, sujas, vagabundas, quase animais (MATTOS; FERREIRA, 2004). Como cotidianidade mundana é mediação em que mulheres e homens adultos encontram possibilidades de ocupação, moradia, trabalho, vivências e experiências, enfim, espaço de diferentes práticas sociais geradoras de interações entre indivíduos e ambientes ao redor.

As pessoas em situação de rua compõem um grupo social heterogêneo capaz de construir a prática social de viver na rua que se configura a partir de uma rede múltipla de relações sociais, de construção de conhecimentos, desenvolvimento de afetividades e também de conflitos, cujas conexões expressam a pluralidade que compõe esse grupo que transmite valores e conhecimentos manifestados num conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar. Nessas relações de convívio, que por vezes são amistosas ou tensas, acolhedoras ou opressoras, as pessoas se educam na e para a sua humanidade, para a cidadania negada, conquistada e assumida (ALMEIDA, 2014; OLIVEIRA et al, 2009).

Entendemos “práticas sociais” nesta pesquisa como aquelas que se desenvolvem “no interior de grupos, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas” (OLIVEIRA et al, 2009, p. 4). É num contexto de sistema mundo e de nação que essas práticas sociais se imprimem e é por meio delas que grupos e coletivos vão se constituindo na luta pela existência (ALMEIDA, 2014). Dentro das práticas sociais, onde pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais participam – por vontade própria ou não –, é que são expostos

“com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los” (OLIVEIRA et al, 2009, p. 6).

Entendemos a rua como mediação, onde sujeitos históricos desenvolvem processos educativos como forma de produção, desenvolvimento e reprodução da vida. Ressaltamos que não basta compreender a vida do sujeito isoladamente, mas a vida humana que se constitui nas relações entre pessoas e dessas com o ambiente que circunscreve as possibilidades de desenvolvimento de suas vidas e os sentidos atribuídos a ela, tendo em vista a totalidade mais ampla que a engloba (ALMEIDA, 2014).

Compreendemos os sujeitos que vivificam a rua como produtores de saberes e criadores de um jeito de viver, de trabalhar, de ser, de estar, tramadas em opções e posturas presentes em todos os âmbitos de sua participação (OLIVEIRA et al, 2009). Como sujeitos de uma cotidianidade que coexiste dialeticamente com a negação da vida e com diversas formas de violência, entretanto, que é constituída por quem resiste e luta na esperança por dias melhores.

### **Viver é pesquisar - pesquisar é viver**

A compreensão dialética do ser passa pela compreensão do cotidiano como futuro, na medida em que se vai passando de um horizonte a outro e se vai avançando (DUSSEL, 1995). Conhecemos algo a partir de nosso ponto de partida, de nosso horizonte existencial que não é único, porque se funde e se encontra com outros horizontes, fazendo com que essa compreensão esteja em constante movimento. Para ser sujeito no mundo, não é suficiente que se renove primeiro para depois mudar o mundo, mas ambos os processos necessitam acontecer simultaneamente, pois o processo de humanização, como a comunhão da subjetividade na objetividade que constitui a intersubjetividade, é a comunhão do ser humano com seu mundo (FIORI, 1986).

Concebemos a ciência não como campo funcional (DUSSEL, 2001), mas como meio para a produção de um tipo de conhecimento que não se constitui como verdade absoluta. Conhecimento que deve ser crítico, aspirando e estruturando

mudanças sociais concretas que podem ser compreendidas na interação entre os sujeitos que estão do outro lado das linhas abissais, como postulam Santos e Meneses (2010), ou seja, que são ignorados, invisibilizados como sujeitos produtores de conhecimentos válidos.

Os aspectos da vida apresentados nessas reflexões não são universais, nem eternos. São diversos e dinâmicos no espaço tempo da rua, constituído por seres humanos que estão sendo no mundo. Ao levar a cabo as intenções da pesquisa em investigar a dimensão educativa do viver na rua pelos olhos de quem nela vive, foi necessário desenvolver metodologia ancorada no campo da Educação Popular postulada pelo educador Paulo Freire.

A realização da pesquisa em educação comprometida com um projeto de sociedade justa e igualitária aponta para a coerência entre metodologia de trabalho e posicionamento político e utópico do pesquisador(a) com os sujeitos participantes e a realidade que os circunscreve. A ação do(a) pesquisador(a) educador(a) progressista do campo da Educação Popular deve se pautar na radical busca pela produção de conhecimentos elaborados a partir da concretude histórica dos sujeitos que são, nesse contexto, pesquisadores também. Suas percepções e elaborações sobre o mundo da vida são compartilhadas com as concepções da pessoa que media os processos da pesquisa, desvelando saberes que se voltam para a mesma realidade para transformá-la, e essa práxis necessita ser permeada de confiança e esperança no futuro. Tendo em vista a complexidade intrínseca à realidade da rua, lançamos mão dos dois pilares teórico metodológicos da Educação Popular, quais sejam: o diálogo e o convívio que sustentaram o ato de pesquisar com rigor científico e compromisso social.

O convívio é o cerne do diálogo, a chave que abre as possibilidades para sua concretização entre os sujeitos. “Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente a frente” (OLIVEIRA; STOTZ, 2004, p. 15). O diálogo como princípio da educação libertadora que fomenta processos de pesquisa social crítica pressupõe que mulheres e homens mediatizados pelo mundo interajam de forma horizontal, onde a força do argumento supera a relação pautada em lugares de poder. Tanto o diálogo como o convívio são exigências existen-

ciais, encontros em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. Por isso, o diálogo não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas (FREIRE, 2005). É importante ressaltar que nos processos dialógicos o conflito se faz presente e esse aspecto também constitui o radical ato de pesquisar com compromisso social.

A ideia de sujeito participante da pesquisa parte da concepção freireana de sujeito social que são seres humanos transformadores e criadores “que em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também instituições sociais, suas ideias, suas concepções” (FREIRE, 2005, p. 106). É dessa maneira que, estando no mundo e com o mundo, tendo consciência de si e do mundo, enfrentando sua realidade em que, historicamente, se dão as situações limites, buscam a superação dos obstáculos que só pode ser feita também historicamente (FREIRE, 2005).

Para colocar o legado freireano em movimento na rua, lançamos mão de rodas de conversa e diários de campo, essenciais ao levantamento dos temas geradores. Posteriormente, realizamos cinco entrevistas individuais com os sujeitos apresentados, o que possibilitou o aprofundamento dos temas da população de rua.

## Os sujeitos entrevistados na pesquisa

Marcos Silva<sup>4</sup> foi o primeiro sujeito a ser entrevistado. É homem negro com 41 anos e vivia na rua há 10 anos. O motivo que levou Marcos a cair na rua foi principalmente as desavenças familiares, em razão de sua dependência química. Por meio de nosso convívio, conscientizamos-nos de que na busca pelos sujeitos de pesquisa, foram os sujeitos que nos buscaram para conosco pesquisar.

Renatinho<sup>5</sup> é um jovem negro, por volta de 30 anos. Vive na rua desde os 12 anos, em decorrência das intensas brigas familiares que o levaram a essa condição. Convivendo e dialogando com Renatinho sobre a pesquisa, sobre a vida ou sobre outro assunto corriqueiro, conscientizamos-nos de

4 Entrevistado no dia 17/03/2013.

5 Entrevistado em 24/02/2013.

que a responsabilidade e compromisso com o outro prescinde de perspectivas, muitas vezes falsas, de transformação de realidades de sofrimento e opressão.

Rafaela<sup>6</sup> tinha 28 anos e estava na rua desde os 15 anos de idade, quando sua mãe a colocou para fora de casa. Ela relatou alguns fatos de sua vida antes de “cair na rua”<sup>7</sup> e sua narrativa nos fez compreender que viver nessa situação pode representar uma alternativa frente à superação de condições objetivas e existenciais profundamente precárias.

Samara<sup>8</sup> foi a mais jovem entrevistada, com 25 anos, mulher parda e assumidamente lésbica. Nossa intenção em mencionar sua orientação sexual deu-se não por querer impor rótulos, mas porque saber que Samara é homossexual ajudou-nos a compreender suas andanças pelo mundo da rua. Ela nos contou fragmentos de sua história de vida marcada pelo preconceito e rejeição da família em decorrência do fato de ser homossexual. Também contou de sua coragem e desejo de se afirmar desde a infância, além das movimentações promovidas em sua vida pela dependência química, especialmente em relação ao uso de crack.

Adriano<sup>9</sup> é homem negro, poeta. Sua trajetória de vida antes de cair na rua foi marcada pela militância no movimento negro da cidade de São Carlos. A dependência do álcool o levou a ter conflitos com a família que culminou na ida para a rua e consequente interrupção da militância. Na primeira conversa, Adriano relatou que escreveu um livro de poesias, porém que não tinha guardado um exemplar para si. Contou que a cópia da Biblioteca Municipal de São Carlos foi retirada e não devolvida e que, portanto, seu livro estaria “vagando pelo mundo”. Anotamos o título e ao final

do trabalho de campo realizamos busca pelo título do livro no website da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos<sup>10</sup>.

Para nossa surpresa, havia um exemplar que no dia seguinte retiramos. Seu livro é composto por mais de 60 poesias, algumas autobiográficas, todas engajadas à luta do movimento negro no país. No retorno à Praça da Catedral, mostramos o exemplar do livro para Adriano, que ficou emocionado ao ver e tocar sua obra. Naquele momento, o sentimento era de que os vínculos de amizade e confiança haviam sido consolidados e, assim, passamos a dialogar mais assiduamente sobre o viver na rua. A partir desse acontecimento, Adriano se disponibilizou a conceder entrevista gravada, o que havia negado anteriormente. Ainda, compôs um poema intitulado “Tu és Sara”, que leu em voz alta, entonando na declamação a mesma emoção que relatou ter sentido ao retomar a escrita de suas poesias, desejo despertado a partir do reencontro com seu “Vaga Mundo” (ELIAS, s/d).

## Inserção em campo e análise de dados

Os conhecimentos dos entrevistados e suas motivações são meios que podem dar suporte à práxis que visa romper concepções e ações negadoras e marginalizadoras de legítimas alteridades e da possibilidade da produção de conhecimentos elaborados sobre a totalidade vigente no espaço tempo da rua. Segundo Freire (2007, p. 40-41),

A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade. [...] não sendo neutra, a prática educativa, a formação humana, implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra outro, a favor de alguém e contra alguém. É exatamente este imperativo que exige a eticidade do educador e sua necessária militância democrática a lhe exigir a vigilância permanente no sentido da coerência entre o discurso e a prática. Não vale um discurso bem articulado, em que se defende o direito de ser diferente e uma prática negadora desse direito.

6 Entrevistada em 24/03/2013

7 Quando interpelamos Rafaela sobre o porquê dela ter aprendido a se respeitar vivendo na rua, ela compôs a resposta com fragmentos de sua história de vida antes de cair na rua: “Ué, por causa da família, né? Eu comecei a beber tinha 5 anos, comecei a fumar com 5 anos, com meu pai. Com 9 anos minha mãe queria que eu conhecesse o meio da prostituição que era pedir o dinheiro pros homens que ela saía. Até com 12 eu não fui, ela pagou R\$ 10,00 pra um moleque me estuprar. Com 13 eu fugi de casa, 14 tive meu filho. Com 15 anos ela tirou meu filho de mim. Hoje meu filho tá no orfanato porque ela queria dinheiro pra ficar com o moleque, então, eu prefiro mais ficar na rua do que ficar do lado dela que é um meio assim, do lado dela era só sofrimento”.

8 Entrevistada em 07/04/2013.

9 Entrevistado em 07/04/2013

10 O livro está disponível na biblioteca comunitária da UFSCar e pode ser encontrado por meio do seguinte endereço eletrônico: <<http://200.9.84.221/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>>.

A partir dos temas geradores foi elaborado roteiro semiestruturado que permitiu o desdobramento desses temas durante 5 entrevistas individuais. Esse procedimento da pesquisa configurou-se como etapa de codificação e decodificação que, de acordo com Freire (2005), possibilita a exteriorização de visões de mundo, formas de pensá-lo, percepções fatalistas das situações limites, percepções estáticas ou dinâmicas da realidade.

Os temas, em verdade, existem nos seres humanos, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos. [...] Há, pois, uma relação entre o fato objetivo, a percepção que dele tenham os homens e mulheres e os temas geradores (FREIRE, 2005, p. 115).

A análise dos dados obtidos no aprofundamento dos temas geradores, evidenciou 5 categorias e, antes de passar à análise de cada uma delas, faz-se importante ressaltar que todas emergiram empiricamente de experiências essencialmente coletivas dos sujeitos que participaram da pesquisa, na medida em que para viver/morar na rua as pessoas necessitam estabelecer amplas redes sociais, não só entre seus pares, mas também com outros membros da sociedade na malha urbana.

### **“As pessoas que estão na rua não são os lixos que a sociedade joga fora”**

A presente categoria configura-se como a dimensão da busca por ser mais do sujeito social que vivifica a rua. Ao contrário do que o senso comum expressado pelas mídias ou pela opinião pública afirma – de que a população de rua é constituída por pessoas loucas, sujas, vagabundas, quase animais (MATTOS; FERREIRA, 2004) – suas vozes exprimem que “não é!”. Rafaela afirma que “A pessoa que vê a gente na rua pensa que é só beber, usar droga, roubar. E não é! A pessoa tinha que enxergar melhor”. Por meio da primeira categoria analítica composta por diversas falas que vão ao encontro do que relatou Rafaela, foi possível perceber que há intensos processos de busca por ser mais compreendidos pela população de rua em São Carlos, em meio aos crescentes processos de desumanização interpostos pela própria condição dada, especialmente em tempos de recente mudança na administrativa pública municipal.

Desde 2013 até os dias atuais, a política de atendimento à população de rua vem sofrendo modificações conjunturais, principalmente em relação ao desmantelamento das equipes técnicas que acompanhavam o grupo, intensificação da burocratização sobre o uso e ocupação dos equipamentos públicos de apoio (Centro POP e Albergue noturno) e descentralização do atendimento ofertado pela política de assistência social municipal às instituições religiosas que se voltam, sobretudo, ao fornecimento de suporte espiritual e doação de comida e roupas para as pessoas que vivem na rua.

Para além dessas questões de conjuntura, na estrutura das políticas sociais destinadas à população de rua no município e no país subscreve-se certo tipo de violência institucional implicada nos modos de gestão e de intervenção que nem sempre respeitam as subjetividades dessas pessoas, nem seus projetos de vida, muito menos os saberes de experiência que poderiam subsidiar a formulação de efetivas ferramentas políticas voltadas à minimização dessa questão social, ou mesmo ao reconhecimento real de que na rua vivem cidadãos portadores de direitos e produtores de conhecimentos elaborados sobre a realidade.

### **“Viver é saber viver. Morar é lavar, passar, cozinhar”**

Tal categoria, diz respeito às particularidades existentes entre viver e morar na rua, que são mediações constituídas por sujeitos. Nas ruas ou em *mocós*,<sup>11</sup> mulheres e homens reúnem-se em torno de bancas,<sup>12</sup> que são agrupamentos de pessoas que vivem na rua e que, por vezes, permitem a entrada

11 Os *mocós* são espaços imobiliários desocupados que são habitados pelas pessoas que vivem na rua, onde reproduzem espaços de moradia convencional, garantindo, assim, uma infraestrutura que consideram mais adequada e digna para viverem no mundo da rua.

12 “As *bancas* encontradas em São Carlos são formadas por *trecheiros*, *pardais* e pessoas que não têm uma trajetória de rua, visto que a entrada de um membro é permitida em razão das interações ocasionais que uma *banca* oferece [...] é com base nos critérios que a definem que as consideramos como grupos de moradores de rua, e para avançar na compreensão sociológica, percebemos que a *banca* não é apenas um amontoado de pessoas que se encontram em determinado lugar da cidade para compartilharem *pinga*, comida, cigarros e drogas. Além de um resultado de interesses específicos, na *banca* se acompanha sentimentos e a necessidade de estarem juntos construindo vínculos” (OLIVEIRA, 2012, p. 55, grifo do autor).

de indivíduos que não vivem na mesma condição. As bancas são marcadas por variados aspectos que a definem, como as complexas interações sociais, a intensa dinâmica de entrada e saída de membros a depender das regras e orientações estabelecidas em seu interior e a territorialidade que expressa e demarca um determinado tipo de banca<sup>13</sup> (MARTINEZ, 2011; OLIVEIRA, 2012).

A partir de nossa experiência empírica com a população de rua no município de São Carlos, bem como com a ajuda das pesquisas anteriormente realizadas em torno dessa temática, pudemos conceber que há um aspecto comum entre as bancas de rua que é o fato de potencializarem vivências comunitárias configurando modos específicos de ser e estar no mundo da rua nessa municipalidade. Miranda (2013 apud ALMEIDA, 2014, p. 36) nos explica que

A rua se faz comunidade, na rua se vive comunidade. E as pessoas não entendem o que é viver comunidade na rua. Quando você fala em compartilhar comida, água, você tem isso. Você pode ver que quando a pessoa chegou, ela se torna individualista porque ela ainda está com o sistema capitalista dentro dela: ‘É meu, ninguém mexe, ninguém tasca’. Depois de um tempo ela começa a viver de maneira comunitária, socialista, a sociabilizar tudo que ela tem. Então nada mais pertence a ela, tudo pertence a todo mundo.

O relato do Magrão da Maloca (ALMEIDA, 2014) sobre o respeito em primeiro lugar, a humildade, igualdade e solidariedade necessários à manutenção da vida na rua e a consequente formatação de uma família ou de uma comunidade, corrobora a fala de Miranda. Magrão contou que está na rua desde os 7 anos de idade e nela foi criado. Afirmou que a rua é uma família, que é uma cultura que tem suas regras, suas normas, que “não é de qualquer jeito”. Mencionou que tem que aprender a viver na rua e que, mesmo hoje, não estando em situação de rua,<sup>14</sup> frequenta os espaços de circulação dos grupos de rua, as bancas, porque considera sua família.

13 Em São Carlos, por exemplo, existe a banca do cemitério, dentre outras, que é composta, essencialmente, por imigrantes que chegam à cidade em busca de ocupação e acabam se fixando nela por um tempo. Sua proximidade da entrada da cidade propicia que trecheiros tomem contato com ela e integrem-se à banca, ali permanecendo por tempo indeterminado. Há também o intenso fluxo no velório municipal, que fica no mesmo local e que proporciona que os integrantes da banca obtenham sucesso nos mangueios.

14 No dia da conversa ele estava morando no local onde trabalhava.

Não concordamos com a ideia da emergência de uma cultura de rua no sentido da universalização de princípios, valores e comportamentos que seriam próprios dos desviantes, dos pobres, numa tentativa de banalização dessa realidade. Em contrapartida, acreditamos na ideia de que, a partir de experiências comunitárias concretas, onde as pessoas consolidam valores de humildade, solidariedade, igualdade entre seus pares e resistência a uma ordem sistêmica que os pressiona para suas margens, por meio do desenvolvimento de processos educativos complexos, possa, sim, haver a insurgência de uma cultura popular. Há quem diga “eu saí da rua, mas a rua não saiu de mim”, e essa é a expressão da potência que as vivências na e da rua têm em marcar as pessoas que por ela passam, como também constatou Rosa (2005, p. 152): “Embora perigosa e violenta, a vida na rua é o espaço de uma família; o sentimento de pertencer pelo menos ao mundo da rua tem um sentido de família, lugar onde relações são refeitas em substituição aos vínculos afetivos rompidos com a família, trabalho, amigos”.

É certo que, assim como há conflitos e rompimentos no seio da família convencional ou no âmbito de qualquer outra comunidade, no mundo da rua esses aspectos se fazem presentes e, portanto, é preciso apreender compreensões sobre si e sobre o grupo para não se colocar em situações de exposição e risco. Índio nos relatou sobre a adicção e do quanto estar na rua o leva a se desequilibrar e ter recaídas em relação ao abuso do álcool. Segundo nosso interlocutor, a família da rua se constitui mediante a presença dos químicos, das bebidas, do cigarro. Cada um com seu elemento químico se junta com os demais para usar, para compartilhar. Contudo, quando ele percebe que a coisa vai “esquentar”, se afasta do grupo para não se envolver. Índio concordou que para chegar a ter esse pensamento estratégico voltado ao autocontrole e à manutenção da sobriedade, foi preciso haver um processo de ensino e aprendizagem sobre si e sobre o entorno, e tal processo desenrolou-se no convívio com o grupo no decorrer do tempo, sendo que, durante seu desenvolvimento, diversos tipos de violência surgiram.

Os “enquadros” da guarda municipal, da política civil e militar, as intervenções do poder público

com interações compulsórias<sup>15</sup> e as regras impostas pelas organizações filantrópicas em relação ao uso do álcool, de drogas ilícitas e do cigarro nos espaços em que são oferecidos serviços de doação e apoio espiritual, perpassam os processos educativos desencadeados a partir das vivências de rua, podendo configurar uma espécie de pedagogia da violência geradora de temor e medo no outro, que é visto, a priori, como marginal e transgressor (GÓNGORA; SUÁREZ, 2008). Há também a violência horizontal que coexiste com as violências institucional e policialesca e é teorizada por Freire (2005) como aquela que é concretizada no seio do próprio grupo. Segundo o autor, os oprimidos hospedam a “sombra” do opressor, sendo eles e ao mesmo tempo o outro – o opressor –, e essa dualidade existencial os leva a assumirem atitudes fatalistas frente à situação concreta de opressão e também “a exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros” (FREIRE, 2005, p. 55).

Marcos Silva relatou que “tem sempre uns lugares pra gente ir. Casa abandonada, ali pega mais uns dois, três, quatro e faz tipo uma família. Então fica ali muitas vezes escondido. Para nós é uma casa”. Renatinho, por sua vez, contou que dorme em uma casa abandonada, “[...] sem água, sem luz. Mas tem todos os privilégios: tem filtro, tem colchão, tem sofá”, tudo que precisam pra não passar muito perrengue. A partir dos relatos dos nossos interlocutores, foi possível atrelar o sentido da habitação ou da moradia ao âmbito das necessidades subjetivas e objetivas, vinculadas ao sentido do cuidado físico e moral e do abrigo. Dentro dessa casa, que pode ser demarcada por paredes de tijolos ou por calçadas, bancos de praças, viadutos, caixotes, varais de roupas e outros materiais, há pessoas que se organizam comunitariamente em torno de tarefas domésticas, cujas atribuições diversas, como lavar, passar, cozinhar, conseguir alimentação, bebida, cigarro, drogas ilegais e outros, são designadas a partir de diferentes códigos morais, éticos e comportamentais que são ressignificados a partir de outros códigos mais amplos, advindos da lógica totalitária vigente.

Quando Rafaela teceu comparação entre o viver

e o morar na rua, atribuiu ao viver um sentido voltado ao estabelecimento de relações interpessoais, à necessidade de se educar e à fruição da vida. Já ao morar, apontou aspecto negativo ao dizer que “A diferença é que viver, é você saber viver. Tem que saber viver, no sentido da amizade, das pessoas que você conversa ou deixa de conversar. Agora, morar na rua é pior porque é aonde você lava, passa e cozinha” (RAFAELA).

Às mulheres que vivem na rua são atribuídas atividades específicas voltadas aos cuidados com o mocó, com a alimentação, com o vestuário, muito semelhantes às divisões de tarefas entre homens e mulheres no contexto doméstico convencional. Se essas mulheres não correspondem positivamente a esses desígnios, interpostos primordialmente pelos homens, elas são direcionadas à prática do manguieio<sup>16</sup>, onde costumam obter maior sucesso que seus companheiros de rua, dado que as pessoas têm mais compaixão por uma mulher “abandonada” na rua do que por um “marmanjo”. Oliveira (2012), em seu estudo sobre dispositivos de circulação e fixação de pessoas em situação de rua em São Carlos, expôs etnograficamente essas interessantes relações.

Aqui, importa-nos ressaltar que as fronteiras entre o mundo da rua e a totalidade vigente são tênues no que diz respeito à constituição de uma casa, já que, concordando com Kasper (2006), a moradia deve atender, primordialmente, as necessidades objetivas do ser humano, sendo que essas demandas são referenciadas num estilo de vida “de um certo grupo social (que se convencionou chamar de burguesia) [que são] [...] naturalizadas em atributos humanos universais. Sob essas bases, é claro que as formas de habitar [ou de morar] que escapam desta racionalidade particular serão vistas como deficientes, nunca passando de tentativas [...]” (KASPER, 2006, p. 24).

### **“Viver na rua é muito difícil, mas é alegre também, sabia?”**

Essa categoria demonstra evidências de que a vida que desenrola na rua é dialética e não determinística, e Renatinho trouxe-nos elementos

15 Entre os anos de 2010 e 2012 foram realizadas dezenas de interações compulsórias pelo Centro POP.

16 Manguieio diz respeito à prática do pedir (geralmente dinheiro e alimentos) em casas ou restaurantes.

interessantes que ajudaram a complexificar tais reflexões. Ele relatou que a vida na rua transita entre a condição de transitoriedade e de permanência, num movimento constante e fixista:

[...] eu vou falar uma coisa pra você, ela não veio para ficar não [a vida na rua], é passageira. Esses tempos pra trás eu fui trabalhar, fiquei três meses pagando água, luz, casa, me injurie e falei: ‘vou voltar pra rua’ e voltei. Eu não aguentava mais ficar pagando água, luz e me deu uns 5 minutos, já largo tudo e vou pra rua de novo. É passageira, mas se eu quiser que nem, eu não vou dizer ‘tá bom’, mas eu também tô acostumado, sabe? Pra mim não tem dia ruim, não tem dia bom. Se eu quiser fazer alguma coisa eu faço, senão eu fico deitado o dia inteiro. Mas aí eu comecei a trabalhar, agora eu já vou ficar até no fim, já estou na intenção de arrumar uma casa... Vou arranjar uma casa, entrar dentro da casa, me dá uns três, quatro meses, cinco meses, sei lá, menos ainda, eu vou injuriar, largar tudo e voltar pra cá. Então para mim, tanto faz, tanto fez [riso]. (RENATINHO).

As experiências concretas de Renatinho demonstram o alto grau de vulnerabilidade que acompanha quem viveu na rua às tentativas de “reinserção” social. Ao contrário do que o senso comum dissemina – de que “cair” e permanecer na rua é escolha individual e que, portanto, para sair dela o sujeito também tem o poder para decidir vencer, prosperar como cidadão trabalhador responsável, pagador de suas contas –, uma análise crítica sobre as condições socioeconômicas e políticas a serem atendidas para se integrar à totalidade e normatividade vigentes demonstra que não é bem assim.

De acordo com Dussel (1977a), o sistema busca englobar toda a exterioridade para seu interior e eternizar sua estrutura num processo de alienação. O outro que é diferente para o sistema representa perigo. É inimigo porque sem trabalho, sem vender sua força de trabalho, se desponta como sujeito de outro mundo, outro sistema. A fim de não existir mais como possibilidade, o outro, o diferente, é aniquilado material e simbolicamente e essa possibilidade assemelha-se ao processo antropofágico do centro contra a periferia em nome da “civilização”.

O mesmo autor afirma que o *ethos* do dominador, o seu caráter, gira em torno da mistificação de costumes e virtudes. O dominado, por sua vez, introjeta o ressentimento pelo que sofre, tornando-

-o virtude de paciência, obediência, disciplina e fidelidade. A ganância o domina e em nome dos negócios sacrifica homens e mulheres. As leis do dominador é ferramenta poderosa nesse processo que impuseram e ainda impõem a moral, a ética, a virtude imperialista que forja uma cultura ocidental divina, natural, cujas exigências são tidas como de direito natural, tomando como exemplo o direito à propriedade privada. A libertação, por sua vez, não é intrassistêmica, ela é uma prática subversiva da ordem vigente (DUSSEL, 1977a).

O postulado de Dussel leva-nos a afirmar que ao viverem na rua, mulheres e homens resistem e lutam contra uma ordem injusta que suprime o valor de suas vidas. A partir desses modos de ser e estar no mundo, impulsionados pela própria lógica totalitária, as pessoas reinventam sua cotidianidade, buscando resgatar a humanidade roubada. Dessa maneira, acreditamos que, mesmo sem formarem coletivos organizados politicamente em torno de movimentos reivindicatórios, as pessoas que vivem na rua e que conosco dialogaram organizam-se em torno de bancas ou de pequenos grupos buscando proteção, sobrevivência material e simbólica, reconhecimento de sua humanidade, aprendizados para melhor viver, enfim, buscam alcançar condições de vida mais dignas em meio à calamidade que é viver no mundo da rua.

### **“A rua é um mundo”**

Essa categoria traz reflexões sobre o horizonte existencial e a totalidade de sentidos que os sujeitos vão atribuindo à vida na rua no decorrer do tempo, a partir do qual também evidenciam percepções e concepções elaboradas sobre a totalidade mais ampla que engloba seu mundo. Quando Rafaela refere-se à rua como um mundo, interpreta essa mediação espaço-temporal como cotidianidade mundana constituída por mulheres e homens que nela produzem, reproduzem e desenvolvem suas vidas. Esse mundo cotidiano é delimitado por um horizonte, sem o qual, segundo Dussel (1977b, p. 14), “nada se nos avanzaría y estaríamos en la oscuridad o en la confusión de imágenes; sería como estar en la profundidad de una mina, de una caverna”.

Marcos Silva, ao reconhecer que sua realidade hoje é a rua, imediatamente expressa a consciência de que há interposição de condicionamentos nesse horizonte existencial, sem cair, necessariamente, em uma visão ou atitude fatalista diante desse seu mundo, mas evidenciando certo pragmatismo realista sobre sua condição existencial.

Segundo nossos interlocutores, ao “cair na rua” é preciso começar a aprender para sobreviver e (re)começar projetos de vida diferentes dos anteriormente planejados, espontaneamente ou compulsoriamente, como ocorreu com Rafaela em relação ao que sua mãe almejou em torno da prática da prostituição. Segundo ela, aprende-se na rua “[...] no dia a dia. No dia a dia você vai aprendendo. Cada dia que passa você vai aprendendo o que é uma alimentação, o que é uma vida, o que é uma saúde, aí você vai aprendendo” (RAFAELA). E os saberes aprendidos vão sendo guardados para que se desenrole a vida na rua ou fora dela. “Ah, a gente guarda, né? A gente guarda porque é uma experiência que nunca tem fim. É uma coisa que você aprende, aprende e vai levando” (RAFAELA).

### **“Na rua eu aprendi muito, experiências que eu jamais vou esquecer”**

Essa categoria desdobra processos educativos que se desenrolam quando os sujeitos vivem na rua, portanto, demonstrando que esse modo de vida se produz, reproduz e desenvolve a partir de processos educativos dinâmicos que contribuem para que mulheres e homens vivam material e simbolicamente, mediatizados pelo mundo da rua. Marcos Silva afirmou que na rua aprende-se “pra ser um pouquinho menor o baque”. Aprende-se para “cuidar de si, pelo menos, manter um pouco da autoestima, da higiene” porque “tem certas coisas que são essenciais, não tem como você ficar sem, mesmo morando na rua”. Os processos educativos são passados, geralmente, dos mais experientes de rua (mais velhos de rua) para os mais novos e inexperientes.

Renatinho afirmou que no mundo da rua aprende-se junto, em comunhão, por meio do permanente desenvolvimento da linguagem que possui

características próprias que variam de acordo com a territorialidade. Reitera que “somos pessoas que já nos conhecemos, conhecemos a mesma linguagem, então não precisa falar o português correto. Nós falamos entre nós porque nós já sabemos o que é” (RENATINHO). Samara relatou que a primeira coisa que aprendeu na rua foi a “encharcar”, que “aqui é “manguear”. Aprender a pedir. Ela nos ensinou que a linguagem pode variar de lugar para lugar, mas que em relação ao manguear ou ao encharcar, na “língua original da rua é pedir”, e quem a ensinou a encharcar foi uma ex-mulher dela, com quem ficou casada durante oito anos.

Para Maturana (2009), o peculiar do humano não está na manipulação – que é atividade que pode ser desempenhada com perfeição por animais como o macaco ou pelo gato ao brincar com uma bola –, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar. Assim, ele defende que a história do cérebro humano está relacionada principalmente com a linguagem.

Nossos interlocutores explicaram que há processos educativos que se consolidam em atos de violência moral e/ou física, praticados horizontalmente entre as próprias pessoas que vivem na rua ou interpostas pela polícia ou pelas instituições assistenciais que atendem essa população. A violência horizontal é praticada contra as pessoas que vivem na rua e que descumprem as orientações<sup>17</sup> da rua. Segundo Renatinho, “tem que ter respeito. Se você chegar ali e sentar, o povo vai respeitar você normal. Não vai falar palavra feia, tirar a camisa. Então, não é regra, são coisas que as pessoas vão aprender”, e se não aprender, “vai ser cobrado”.

A dimensão educativa da rua é consolidada pelas experiências dos sujeitos que se educam com o propósito de transmitir saberes, valores, táticas, jeitos de ser e de estar no e com o mundo, tendo em vista a afirmação e preservação da vida, em primeiro lugar. Vida esta que se reproduz e se desenvolve dentro de uma totalidade que a nega, mas que, contraditoriamente, a produz e fortalece progressivamente.

17 Sobre o respeito às regras das bancas, seus códigos morais e/ou regras, ver Oliveira (2012) e Martinez (2011). Há interessante estudo desenvolvido por Marques (2009) em que o autor analisa diferentes compreensões sobre o proceder aliado ao convívio-seguro entre presos, a partir da pergunta nativa: “o que é o certo?”.

## Considerações finais

Objetivando apreender maior compreensão sobre a população de rua brasileira: suas nomeações, densidade e estatísticas, bem como também as instituições destinadas a atendê-la, contabilizá-la, reduzi-la, socorrê-la e protegê-la (COSTA, 2007), buscamos nos estudos sociológicos, antropológicos e outros situados em áreas que também se debruçam sobre a temática, informações contundentes que esclarecessem tais aspectos, dado que julgamos necessário voltar atenções aos diversos atores, eventos e processos relacionados a essa população nas grandes e médias cidades brasileiras, na busca por compreender essa complexa realidade e, quiçá, propor alternativas a respeito de sua superação.

Entretanto, o estudo investigativo que frutificou o presente artigo, situado no campo da ciência social crítica e da Educação Popular teorizada e vivenciada por Paulo Freire, considerou ser imprescindível desvelar para colocar em evidência as pronúncias de mulheres e de homens adultos que vivem na rua no contexto específico de uma cidade média brasileira, como é o caso de São Carlos, na busca por captar os sentidos atribuídos a esse modo de ser e estar num mundo encerrado em outro mundo que pressiona e joga essas pessoas para suas margens, introjetando nele códigos éticos, morais e comportamentais, geralmente, violentos, injustos e opressivos.

A partir dos dados da pesquisa, foi possível apreender que, vivendo/morando na rua, as pessoas ressignificam tais códigos por meio de processos educativos elaborados, buscando sobrevivência material e simbólica, proteção do grupo e resistência dentro de uma lógica que busca, essencialmente, aniquilar o fato de existirem pessoas que vivem as complexas dimensões da vida humana nessa condição existencial.

Acreditamos, com isso, ter alcançado compreensões mais críticas sobre tal realidade, na medida em que foram desvelados e aprofundados temas geradores da população de rua, em mergulho profundo no campo de pesquisa. De acordo com Freire (2005), ao não atuar ingenuamente, educadores(as) populares progressistas não podem esperar resultados positivos de um programa, seja educativo ou político, se desrespeitam a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo. Nesse sentido, temos a convicção de que a identificação e a melhor compreensão dos saberes de rua, invisíveis a outros membros da sociedade em decorrência do preconceito existente, possa contribuir com a busca pela humanização e do ser mais dessa população, além de evidenciar aspectos que possam favorecer que educadores populares e outros profissionais conheçam tal realidade, a fim de subsidiar estratégias de acesso e garantia de direitos, além do reconhecimento de que a rua educa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. F. de. **A prática social – viver no mundo da rua – e seus processos educativos**. 2014. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. **Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/Secretaria de Avaliação e Controle da Informação/Secretaria Nacional de Assistência Social, 2006.
- COSTA, Daniel de Lucca. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua**. 2007. 241 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- DUSSEL, Enrique. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Colômbia: Nueva América, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Filosofía de la Liberación**. México: EDICOL, 1977a. Disponível em: <<http://www.enriquedussel.com/libros.html#>>. Acesso em: 26 abr. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Introducción a una filosofía de la liberación latinoamericana**. México: Extemporaneos, 1977b. Disponível em: <<http://www.enriquedussel.com/libros.html#>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

- \_\_\_\_\_. El programa científico de investigación de Karl Marx (Ciencia funcional y crítica). In: DUSSEL, Enrique (Org.). **Hacia una filosofía política crítica**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001. p. 1-24.
- \_\_\_\_\_. **Ética da Libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ELIAS, Adriano. **Vaga mundo**. São Carlos, SP: s.n., s.d.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Política e educação**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2007. (Coleção Dizer a Palavra).
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 3-10, jan./jun. 1986.
- GÓNGORA, Andrés; SUÁREZ, Carlos José. Por una Bogotá sin mugre: violencia, vida y muerte en la cloaca urbana. **Universitas Humanística**, Bogotá, n. 66, p. 107-138, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/2113>>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- KASPER, C. **Habitar as ruas**. 2006. 225 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- MARQUES, A. **Crime, proceder, convívio-seguro**: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. 2009. 119 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MARTINEZ, M. M. **Andando e parando pelos trechos**: uma etnografia das trajetórias de rua. 2011. 166 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Marx e Engels).
- MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? – representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia e Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, maio/ago. 2004.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- OLIVEIRA, L. M. F. de. **Circulação e fixação**: o dispositivo de gerenciamento dos moradores de rua em São Carlos e a emergência de uma população. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- OLIVEIRA, Maria Waldenez. Et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO DA ANPEd, 32., 2009, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPEd, 2009. GT Educação Popular. 1 CD-ROM.
- OLIVEIRA, Maria Waldenez; STOTZ, Eduardo Navarro. Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. REUNIÃO DA ANPEd, 27., 2004, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPEd, 2004. GT - Educação Popular. 1 CD-ROM.
- ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de rua**. São Paulo: Hucitec/Associação Rede Rua, 2005.
- SANTOS, Boventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Org.). **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. São Paulo: Hucitec, 1992.

*Recebido em: 30.11.2014*

*Aprovado em: 02.02.2015*